Primeira carta — Esquecimento do Ângelus

> **Sumário.** Aventura de um viajante na Terra Santa. — Desarmado e despojado pelos beduínos. — Sua história é a de grande número de cristãos. — Três beduínos que os desarmam. — Natureza das armas que lhes tiram. — Despojamento que sofrem. — Estado infeliz a que ficam reduzidos. — O Ângelus. — Objeto e plano desta correspondência.

Paris, 31 de maio de 1872.

Meu caro Frederico

Começo, como vês, nossa nova correspondência no último dia do Mês de Maria. Minha intenção é colocá-la sob a proteção da Mãe de misericórdia, última esperança do século XIX.

Eis, primeiro, uma história.

Há poucos dias, eu conversava com um de nossos amigos, regressado há pouco da peregrinação à Terra Santa. Escuta a aventura que ele me contou.

> *Em 16 de janeiro de 1872, parti sozinho para visitar o monte Tabor. Ia a cavalo e bem armado. Chegado ao cume da milagrosa montanha, vejo-me diante de três beduínos, saídos de repente de um maciço de oliveiras bravas. Cercam-me, de lança em punho. Um deles, que me pareceu ser o chefe, espécie de colosso de espessa barba negra, agarra rapidamente a rédea do meu cavalo e manda-me apear, dizendo: Nada de resistência, ou estás morto.*

> *Que queres? — disse-lhe eu. — Dá as tuas pistolas. — Aqui estão. — Dá a tua faca. — Aqui está.*

> *Uma vez desmontado, desarmado e sempre cercado de meus bandidos, tive de resignar-me a um completo despojamento.*

> *A operação não se fez esperar e nada deixou a desejar. “Dá o teu manto. — Aqui está. — Dá a tua gravata. — Aqui está. — Dá o teu casaco. — Aqui está. — O teu relógio. — Aqui está. — A tua bolsa. — Aqui está. — As tuas botas. — Aqui estão.” Só me deixaram a camisa.*

> *É com esse traje, quase primitivo, que desci da montanha, correndo o risco de ser presa das feras, bastante numerosas nos matagais que cobrem as encostas escarpadas do Tabor.*

Não sei, caro Frederico, se serás do meu parecer. A meus olhos, essa narrativa contém a história demasiado verídica da maioria dos cristãos de nossa época.

A vida é a ascensão do Tabor, montanha da Transfiguração. Nas veredas que a ela conduzem, estão de emboscada três beduínos, não menos temíveis que os da Palestina. O chefe chama-se o Demônio; os outros dois, o Mundo e a Carne. Esses infatigáveis bandidos não têm outro ofício senão desarmar o cristão, a fim de despojá-lo. Nada de resistência, dizem-lhe, ou estás morto. Mentem, pois são covardes, e, para resistir-lhes, basta querer.

Muitos, entretanto, tomam medo e deixam-se desarmar. Quais são as primeiras armas que lhes tiram? Em nossas cartas sobre o Sinal da Cruz e sobre a Água Benta no século XIX, citei várias. São, entre outras, o uso frequente do sinal da cruz e da água benta, a oração em família, a bênção da mesa, o terço, as medalhas, o escapulário: armas poderosas de que a Igreja, sua mãe, os havia provido, para sustentarem vitoriosamente os combates da vida e fazerem com êxito a necessária ascensão do Tabor.

Segundo os três beduínos, todas essas coisas são inutilidades e superstições ridículas; e todas são entregues. Os astutos ladrões sabem o que fazem. A alma de todo cristão, jovem ou velho, rico ou pobre, é uma cidade sitiada. As práticas de devoção particular, estabelecidas pela Igreja, são as obras avançadas que mantêm o inimigo à distância e protegem o coração da praça. Enquanto resistem, nada há a temer. Foram destruídas? A cidade pode ser batida em brecha e logo tomada.

Nunca será de outro modo, pois está escrito:

> *O que he fiel no menos, tambem he fiel no mais: e o que he injusto no pouco, tambem he injusto no muito.*[1]

Desde o princípio do mundo, a experiência confirma essas divinas palavras. Ergue os olhos ao céu e dize-me se encontras um bem-aventurado, um só, que não tenha começado por pequenas virtudes, isto é, pela fidelidade às pequenas coisas. Baixa o olhar ao inferno e dize-me ainda se encontras um réprobo, um só, que não tenha começado por pequenas faltas, isto é, pela infidelidade às pequenas coisas.

Por serem mais cristãos, nossos antepassados eram mais prudentes que nós. Sabiam que o que basta não basta. Daí sua religiosa fidelidade às numerosas devoções particulares, devidas à previdente solicitude de sua mãe. A esses meios variados que, a cada instante, punham o homem em comunicação com o mundo sobrenatural, é justo atribuir a conservação da vida cristã em nossas antigas famílias, bem como em nossas antigas sociedades.

E nós, imprudentes, desdenhamos essas armas sagradas e as entregamos a nossos inimigos! Deste desarmamento insensato, quais são as consequências? Ai de nós! O que vemos por toda parte, nas cidades e nos campos: um naturalismo desesperador, vergonhosas derrotas e um despojamento que chega até a nudez.

Senhores dessas obras avançadas, os inimigos atacaram a própria praça, tomaram-na e saquearam-na. A fé, a esperança, a caridade, as virtudes e os atos que são a sua manifestação essencial, a frequência dos sacramentos, o respeito ao domingo, a observância das leis da Igreja, numa palavra, a vida sobrenatural já não passa de uma exceção entre os cristãos do século XIX. Tomado em seu conjunto, esse próprio século, tão desdenhoso e tão orgulhoso, já não passa de um século animal, *animalis homo*; um leproso coberto de chagas, um mendigo despojado de tudo por sua própria culpa e digno da mais profunda piedade.

Entre as práticas veneráveis cujo abandono nos conduziu, pouco a pouco, ao triste estado que acabamos de indicar, há uma particularmente lamentável: é o Ângelus.

Desejas, caro amigo, que eu te faça a história dele. Empreendo-a de bom grado; mas fica sabendo o fim a que me proponho. Fazer voltar, aos que a abandonaram, essa oração tão sublime em si mesma e tão eminentemente social, não é essa a minha pretensão. Só Deus faz as torrentes voltarem à sua fonte.

Minha mais doce recompensa seria conservar-lhe o uso entre aqueles que ainda se mostram fiéis a ela, e afeiçoá-los mais do que nunca a uma prática religiosamente observada, sobretudo na França, durante os nossos séculos de fé, e mais do que qualquer outra apropriada às necessidades do nosso tempo.

Terei, pois, de falar-te dos milagres e dos benéficos mistérios cuja lembrança o Ângelus perpetua; do sino que o anuncia e lhe dá uma solenidade particular; das personagens que nele são nomeadas; das palavras que o compõem; das fases sucessivas que essa divina oração percorreu antes de chegar à sua forma atual; da maneira de rezá-lo e das vantagens que lhe estão ligadas.

Como vês, o campo é bastante vasto e, posso acrescentar, até aqui pouco explorado. Daí resulta que, percorrendo-o com cuidado, temos a esperança de revelar certo número de pormenores que terão, tanto para o erudito como para o cristão, todo o atrativo da novidade.

Todo teu.

Notas

[1] *Qui fidelis est in minimo, et in majori fidelis est, et qui in modico iniquus est, et in majori iniquus est.* (Lc 16, 10.)

Revision #1
Created 28 November 2026 13:46:52 by Admin
Updated 28 November 2026 13:46:52 by Admin